O possível diálogo entre o estado de liquidez da cultura e a dinamicidade da semiosfera[1]

Fábio Sadao NAKAGAWA[2]
Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA[3]
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Esta comunicação visa estabelecer o diálogo entre o modo de articulação da hierarquia complexa da semiosfera, proposto pelo semioticista russo Iuri Lotman, e o funcionamento da modernidade líquida, idealizada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Teóricos de distintos contextos, épocas e áreas do conhecimento, ambos tentaram compreender as transformações da cultura por meio dos seus movimentos de descontinuidade e fluidez e de continuidade e solidificação. São tendências contrárias e complementares que, percebidas pela relação de dominância, mas não de exclusão, contribuem para esclarecer, em partes, a opacidade do fenômeno investigado.

PALAVRAS-CHAVE: Semiosfera; modernidade líquida; cultura.

Ao contrário de propor, por meio de uma perspectiva historicista e evolutiva da humanidade, o fim da modernidade e avesso à ideia de entendê-la como uma época superada pelo pós-moderno, Bauman resolveu estudá-la como um modo de ser e de operar na cultura. Para ele, a modernidade é um estado de espírito, uma consciência crítica da ordem do mundo capaz de alterar a cultura e ser alterada por ela. Por isso, a dinamicidade da modernidade precisa ser entendida pela sua associação com os fluidos:

> Eles 'fluem', 'escorrem', 'esvaem-se', 'respingam', 'transbordam', 'vazam', 'inundam', 'borrifam', 'pingam'; são 'filtrados', 'destilados'; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de 'leveza'. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro

[1] Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professor Adjunto do Departamento de Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Prof. Tutor do Petcom/ UFBA e Membro do grupo de pesquisa Espacc da PUC-SP. E-mail: fabiosadao@gmail.com

[3] Pós-doutora em Ciências da Comunicação da ECA-USP, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, profa. do Depto. de Arte da PUC-SP, vice-líder do grupo de pesquisa Espacc e coord. do GP Semiótica da Comunicação da Intercom. regianemo@uol.com.br.

> cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos 'pesados', que qualquer sólido. Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos (BAUMAN, 2001, p.08).

Com base nessa metáfora, Bauman ressalta que o contexto histórico atual pode ser denominado modernidade líquida, pois ele está dominado pelo processo de liquidez cultural, no qual acontecem simultaneamente o desmanche de arranjos já estabelecidos pelo moderno e a construção de outras formas culturais, sejam elas de natureza política, social e/ou econômica.

Apesar de a dinâmica contextual estar associada à predominância da força desconstrutiva dos fluidos, Bauman ressalta que ela é inversamente análoga à mobilidade ordenadora da modernidade no momento em que era dominada pela busca da solidificação da ordem moderna. Isso ocorre porque o programa moderno, ao estabelecer uma ordem baseada num sistema modelar de crenças, construiu também um contraponto que foram suas próprias ambivalências:

> Se a modernidade diz respeito à produção da ordem, então a ambivalência é o refugo da modernidade. A ordem e a ambivalência são igualmente produtos da prática moderna; e nenhuma das duas tem nada exceto a prática moderna — a prática contínua, vigilante — para sustentá-la. [...] A ambivalência é, provavelmente, a mais genuína preocupação e cuidado da era moderna, uma vez que, ao contrário de outros inimigos derrotados e escravizados, ela cresce em força a cada sucesso dos poderes modernos. Seu próprio fracasso é que a atividade ordenadora se constrói como ambivalência (Bauman, 1999, p.23).

Como uma consciência articuladora do modo de organização do mundo, a qual é capaz de produzir sua própria ambivalência, a modernidade opera sistemicamente o choque e o confronto entre a solidez e a liquidez. A modernidade dura, ou a era do *hardware*, ou a modernidade pesada, "a modernidade obcecada pelo volume, uma modernidade do tipo 'quanto maior, melhor', 'tamanho é poder, volume é sucesso'" (Bauman, 2001, p.132), refere-se ao contexto em que o projeto moderno esteve no seu ápice e a modernidade líquida, ou capitalismo de *software*, ou modernidade leve, está relacionada ao contexto em que as ambivalências da modernidade dissolveram muitas das crenças do programa moderno, colocando-as em estado de secundidade, dentre as quais a plena certeza de que alcançaríamos um mundo racionalmente funcional, equilibrado, harmônico e feliz.

Quando, de uma perspectiva sistêmica, na qual é possível perceber o *continuum* em relação às descontinuidades, nos referimos à modernidade, estamos aludindo a uma forma muito específica de entendimento da cultura, que se faz por meio dos diferentes sistemas de linguagens, esferas culturais ou sistemas de signos que a constituem. Tal compreensão permite-nos perceber o confronto entre o estado de liquidez e o de solidificação da cultura por intermédio das tensões produzidas na hierarquia complexa da semiosfera.

A dinamicidade da cultura

A perspectiva sistêmica da cultura, proposta pelos teóricos da escola de Tartú-Moscou, compreende a cultura por meio de duas competências correlatas: a primeira é a capacidade de armazenar informações de modo que elas não se dispersem, acumulando-as na forma de textos e códigos, ao passo que a segunda se refere à faculdade de transmiti-las, entre sistemas de signos, pela geração de novos textos. Com base nessa proposta, a cultura é entendida como "um conjunto de informações não hereditárias que são armazenadas e transmitidas por grupos em domínios diferenciados de manifestação da vida" (MACHADO, 2003, p.157).

Nesse processo, a cultura confere aos textos a possibilidade de eles adquirirem uma temporalidade direcionada à duração máxima de suas integralidades, denominada "larga duração" por Lotman (2000, p. 173). Trata-se de um "máximo de extensión temporal" (2000, p.173), a manifestação orientada "para um certo tipo de memória" (MACHADO, 2003, p. 157) que a cultura semeia nos textos com base em um princípio maior voltado para a busca da manutenção de suas existências, cujo percurso, ao ser observado e analisado, reflete as fases de transição e transformação de uma estabilidade a outra, ou seja, a dinâmica evolutiva da cultura, porque:

> Cultura é memória ou gravação na memória do patrimônio vivencial da coletividade; enquanto tal, reporta-se ao passado. Contudo, a cultura como memória coletiva é igualmente um sistema modelizante[4] que age sobre o comportamento. Nesse caso, é um programa que visa o futuro, uma vez que as regras semióticas de organização da experiência da vida visam o comportamento (MACHADO, 2003, p.163).

[4] Modelizar é um conceito desenvolvido pela semiótica da cultura que confere "estrutura de linguagem a sistemas de signos que não dispõem de um modo organizado ou de uma codificação precisa para a transmissão de mensagens" (MACHADO, 2003, p. 163).

A cultura, ao atuar na integralidade dos textos por meio de mecanismos de uma memória dinâmica e evolutiva, passa a ser entendida pela semiótica da cultura como um conjunto de textos, "o texto no texto" (MACHADO, 2003, p. 39), "una compleja trama con ellos" (LOTMAN, 1999, p.109), ou grande texto, que também acaba correlativamente exercendo domínio sobre os sistemas semióticos, preservando-os e atualizando-os, uma vez que todo texto é definido pela escola de Tártu-Moscou como algo que "debe estar codificado, como mínimo, dos veces" (Lotman, 1996, p. 78). Há, dessa maneira, uma relação intrínseca entre texto e sistemas. O primeiro depende da abertura sistêmica para que possa se constituir e, os segundos, precisam dessa mesma abertura para se atualizar e, com isso, ficarem munidos de matéria sígnica para o combate da tendência entrópica.

A geração de informação nova depende da relação de tradução entre sistemas, cujas diferenças proporcionam a construtibilidade de um diálogo pautado pela superação desse ruído comunicativo. Numa observação mais apurada, percebe-se que a tradução para a integralidade do texto ocorre, principalmente, no nível das estruturalidades, ao serem traduzidas em informação quantitativa e não adjetiva dos "padrões estruturais de um organismo e não as suas propriedades" (FERRARA, 1986, p. 56).

A complexidade que envolve a estruturalidade aponta para uma certa ordem, um modo de compor, uma lógica de operação em permanente construção que reporta ao "dinamismo modelizante que garante a organização de um sistema semiótico como linguagem" (MACHADO, 2003, p. 158). Essa estruturalidade é composta por elementos invariantes e variantes. Os elementos invariantes possibilitam a não dissipação do sistema e são reconhecidos pelo percurso diacrônico da memória cultural, ou seja, a memória informativa. No diálogo entre sistemas, a estruturalidade passa a ser também constituída pelos elementos variantes, que são informações traduzidas de outros sistemas.

A principal diferença da estruturalidade em relação à estrutura está no fato de a primeira não ser regida fundamentalmente pela convenção social e, portanto, não ser definida *a priori*, uma vez que a sua construtibilidade depende dos processos de tradução que há entre sistemas, entre textos e entre sistemas e textos, imersos numa espécie de "duração mediada de mediações", orientada por um tempo não ordenado pela cronologia, mas fermentado pelo espaço. Denominado memória criativa por Lotman (1996, p. 158), esse outro vir a ser do tempo fermenta as estruturalidades pelos vários processos de mediação e representação que possibilitam um jogo entre elementos variantes e invariantes

do sistema, no qual é possível perceber, por meio dos textos, as mutabilidades e não apenas a constância de alguns traços, como apontava a análise estrutural.

O surgimento dessas transformações depende, logicamente, da construção de fronteiras entre sistemas, onde há mecanismos tradutores que possibilitam os vínculos comunicativos e informativos entre eles, cuja função "se reduce a limitar la penetración de lo externo en lo interno, a filtrarlo y elaborarlo adaptativamente" (LOTMAN, 1999, p. 26), promovendo, assim, não a mistura das estruturalidades, mas a manutenção das suas diferenças, das individualidades semióticas, porém, colocadas em contato. A ideia da fronteira como película que ao mesmo tempo separa e aproxima, permitiu aos teóricos da escola de Tártu-Moscou entender a dimensão espacial da cultura, denominada por eles semiosfera, o universo dos signos, qualificado como o único lugar possível de geração de semioses.

A semiosfera é o grande espaço da cultura, o qual está "ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan em diversos niveles de organización" (LOTMAN, 1996, p. 22). A princípio, parece haver um paradoxo entre entender a semiosfera como espaço totalizante e, ao mesmo tempo, percebê-la como um lugar formado pelas diversidades; entretanto, essa contradição é desfeita pela diferença que há entre a macrofronteira que envolve a cultura e as fronteiras internas da semiosfera.

Da perspectiva da extrema fronteira, é possível perceber o espaço operativo da cultura, no qual um sinal externo, ao adentrar o âmbito da semiosfera, é codificado culturalmente, portanto, é traduzido na forma de informação. Com isso, esse sinal evita sofrer o processo degenerativo que a cultura, como memória não hereditária, procura combater. Essa fronteira "externa" delimita a totalidade atuável da cultura em relação a um exterior não organizado semioticamente, um "espacio extrasemiótico o alosemiótico que la rodea" (LOTMAN, 1996, p.24) e, concomitantemente, torna-os sistemicamente coexistentes, uma vez que a organização de um depende da não organização do outro e vice-versa.

Há, portanto, uma intensa atividade na fronteira entre a semiosfera e o espaço extrasemiótico, a qual "sólo con su ayuda puede la semiosfera realizar los contactos com los espacios no-semiotico y alosemiótico" (LOTMAN, 1996, p. 26). Na fronteira, os elementos estranhos à semiosfera são convertidos em signos informacionais, ao mesmo tempo em que ocorre o processo inverso, quando determinados signos são "expulsos" da semiosfera em

direção ao espaço extrassemiótico. Nesse caso, ocorre a perda de capacidade de representação, portanto, eles deixam de funcionar como signos.

Se a macrofronteira que delimita a semiosfera permite perceber a cultura como se fosse "el gran sistema" (LOTMAN, 1996, p. 24), as fronteiras internas da semiosfera possibilitam compreender que esse todo supostamente homogêneo é diagramado internamente pela diversidade de sistemas de signos que se interfaceiam e por processos semióticos sobrepostos. Esse fato implica afirmar que a atividade de tradução, no caso, feita pela transmutação do sinal em signo informal ao adentrar a semiosfera, não para de cessar. Pelo contrário, esse signo, ao passar por várias fronteiras internas, é traduzido em outros signos, gerando distintas formas de semioses.

Em outras palavras, no macrossistema composto de espacialidades internas, de unidades abertas, que dialogam entre si, a informação, ao ser traduzida, transmitida e transcodificada, sempre se mantém em trânsito, movimentando-se pelas fronteiras existentes entre sistemas culturais distintos e redesenhando, dessa maneira, a totalidade da semiosfera pela dinamicidade da cultura.

Entretanto, essa mobilidade não está somente relacionada ao trânsito do signo entre fronteiras, mas há também uma volubilidade nas relações de dominância entre sistemas de signos no interior da semiosfera, que caracteriza uma hierarquia complexa dos níveis de organização dos sistemas por intermédio de esferas culturais distintas. Segundo Feitoza:

> De acordo com esta perspectiva teórica, é por meio da investigação dos códigos que articulam os textos culturais que a hierarquia entre sistemas de signos é revelada, mostrando como as linguagens estão distribuídas nas esferas da cultura, se no centro ou na periferia. Desse modo é a semiose entre os códigos culturais que organizam a hierarquia complexa da semiosfera. Por isso mesmo é um erro grave tomar tal organização como uma estrutura enrijecida, cristalizada, pois a semiosfera é, sobretudo, o espaço das interações ativas entre esses níveis, havendo nela uma tensão permanente que empurra as estruturas dominantes para a periferia e as estruturas desta para o centro, muitas vezes colocando-as em choque, sobrepondo-as (2005, p.68).

A dinamicidade da hierarquia complexa da semiosfera, regida pela irregularidade semiótica da cultura, permite perceber um princípio ordenador entre sistemas, caracterizado por velocidades distintas que coexistem em um mesmo espaço semiótico, mas atuando em lugares diferentes: a região nuclear e a periferia (LOTMAN, 1996, p.29). No núcleo, estão imersas as esferas culturais com baixa velocidade metamórfica, pois são constituídas por mecanismos de transcrição mais estáveis que já fazem parte do repertório memorado da

cultura. Em decorrência, seu devir é menos permeável às trocas operacionalizadas com outras esferas sígnicas. Na região periférica, estão os sistemas "organizados de manera menos rígida y poseedores de construcciones flexibles, 'deslizantes'" (LOTMAN, 1996, p.30), por isso se tornam mais abertos aos processos tradutórios e à dinâmica cultural. Apesar da distinção entre os sistemas lugarizados no centro das esferas presentes na periferia, há um intercâmbio entre eles no momento em que ambos se contaminam ou quando os sistemas mais rígidos se apartam da posição nuclear, "cedendo" lugar para esferas que até então estavam na periferia, que, ao se solidificarem, adentram o núcleo da semiosfera.

É essa tensão que caracteriza o processo dinâmico da cultura existente, tanto no processo de tradução do signo entre sistemas distintos quanto na organização que há entre eles pela hierarquia complexa da semiosfera. Em ambos os casos, a presença das fronteiras entre sistemas de signos e entre esferas culturais é imprescindível, pois são elas que asseguram a conectividade das divergências internas. É possível, então, pensar num conjunto de fronteiras moventes que diagramam a semiosfera e promovem a transformação sistêmica da cultura.

Líquidos e sólidos, região nuclear e periferia, contínuo e descontínuo

O ponto de vista desenvolvido pelos teóricos da Escola de Tártu-Moscou evidencia a possibilidade de observação da cultura tendo-se como fundamento a interação que se estabelece entre sistemas semióticos distintos. É nessa relação entre diferentes sistemas que podemos detectar não apenas o movimento da cultura, mas, sobretudo, a incessante reordenação dos códigos e das unidades que a constituem.

É na relação entre os diferentes sistemas que podemos apreender a dinâmica da cultura, a qual é caracterizada por duas tendências que, apesar de distintas, se complementam no devir das trocas informacionais. São elas: o descontínuo e o contínuo. Ao passo que o primeiro é responsável por aquilo que existe de inovador na cultura, o segundo garante a continuidade dos sistemas existentes.

Entender a interação entre esses dois movimentos depende da compreensão do funcionamento irregular da hierarquia complexa que distingue os sistemas que formam a cultura: alguns tendem a "desenvolver-se" de forma mais acelerada que outros.

Consequentemente, a cultura é constituída pela correlação de diferentes temporalidades que subsistem entre si. Da mesma forma, os mais variados sistemas que moldam a cultura também são compostos por distintas temporalidades, vinculadas a cada uma das variáveis que compõem uma unidade sistêmica. Ainda que cada uma dessas variáveis possua escalas próprias, todas elas funcionam sincronicamente quando formam um todo dotado de uma "velocidade" ou um funcionamento também singular.

Em tal desigualdade de tempos que distingue a cultura, o contínuo caracteriza o processo de desenvolvimento gradual de um sistema ou, ainda, uma "certa" regularidade que permite prever o funcionamento de uma unidade sistêmica na amplitude da cultura. Nesse caso, não há mudança de posição significativa entre o centro e a periferia, pois ambos mantêm um comportamento altamente previsível. O momento de desenvolvimento gradual ou contínuo é caracterizado por uma quase "imobilidade" da posição ocupada tanto pelo centro como pela periferia, de modo que um e outro exerçam uma ação altamente redundante no funcionamento da semiosfera.

Por outro lado, os processos explosivos ou instantes de descontinuidade marcam os momentos de imprevisibilidade da cultura, que rompem com o ciclo de desenvolvimento gradual dos sistemas, por meio de processos tradutórios que não se restringem ao que pode ser similar entre linguagens e códigos, uma vez que as relações entre diferentes sistemas também abarcam códigos que, a princípio, parecem intraduzíveis entre si.

O processo de tradução, portanto, depende também de uma certa "relación de intraducibilidad" (LOTMAN, 1996, p. 68) entre sistemas, cujas diferenças proporcionam a construtibilidade de um diálogo em busca da superação dessa dificuldade. O território da intradutibilidade, da não equivalência, gera novos mecanismos de codificação, percebidos por meio do texto, havendo, portanto, a participação ativa de cada sistema.

Assim, por meio dessas trocas, rompe-se com a regularidade semiótica de uma determinada esfera cultural, promovendo-se, dessa maneira, a descontinuidade das relações que a definem. Esse instante de imprevisibilidade, em que uma estrutura textual inusitada emerge, constitui um "momento explosivo" da cultura, no qual

> el valor del diálogo resulta unido no a la parte que se intersecta, sino a la transmisión de información entre las partes que no se intersectan. Esto nos pone ante una contradicción insoluble: estamos interesados en la comunicación justamente a causa de esa situación que vuelve difícil la comunicación y, en el límite, la hace imposible […]. El momento de la explosión es también el lugar de brusco aumento de informatividad de todo el sistema. La curva de desarrollo salta

> aquí a una vía completamente nueva, imprevisible y más compleja (Lotman, 1999, p.17- 8).

A imprevisibilidade de um momento explosivo, por sua vez, não se vincula a uma eventualidade absoluta. Conforme ressalta o autor russo, dentre uma infinidade de possibilidades de irrupção de novos arranjos textuais, apenas um emerge e é nesse instante que se pode afirmar a presença de uma casualidade, ainda que não seja plena, na cultura. Centro e periferia mudam de posição, assumindo um comportamento até então inesperado no funcionamento do sistema.

A aproximação de um sistema "mais lento" de outro "mais ágil" pode tanto acarretar a aceleração de um como a desaceleração do outro. É por isso que, nos processos explosivos, o centro de um sistema pode ser ocupado por códigos que, até então, eram considerados alheios, mas que adquirem realidade semiótica para um sistema a partir do instante em que são traduzidos pela fronteira semiótica.

Entretanto, a presença de um desses movimentos não implica a desaparição do outro nem uma abrupta ruptura de um processo para o outro. De acordo com Lotman (1999, p. 26), o contínuo e o descontínuo complementam-se no funcionamento dos sistemas, visto que, "após" um instante explosivo, um sistema tende a retomar a regularidade de seu funcionamento, ainda que essa atividade assuma uma ordenação distinta e mais complexa comparada àquela que caracterizava o sistema antes do instante de descontinuidade. Além disso, ambos os momentos também coexistem simultaneamente na cultura. Conforme foi explicitado anteriormente, a complexidade da cultura envolve a existência conjunta de estratos que se desenvolvem por meio de diferentes velocidades, de modo que um momento explosivo que caracteriza uma esfera da cultura pode unir-se a outra esfera que ainda mantém um desenvolvimento gradual: "aun más importante es la combinación simultânea, em varias esferas de la cultura, de procesos explosivos e procesos graduales" (Lotman, 1999, p. 26).

O embate entre as transformações sistêmicas e os mecanismos de estabilização, entre os momentos dinâmicos/explosivos e os processos graduais desenha o recorte transversal no grande texto cultural, cuja trajetória se observa no entrelaçamento de dois percursos, o diacrônico e o sincrônico.

Da perspectiva diacrônica, há uma temporalidade que se espacializa por meio de um futuro que se apresenta como "el espacio de los estados possibles" (LOTMAN, 1999, p. 28) que, ao modalizar o presente, torna-o "um estallido de espacio de sentido" (LOTMAN,

1999, p. 28), um momento de explosão, onde estão imersas todas as possibilidades futuras. Dessa maneira, irrompe, na diacronia, um lugar de ruptura composto de várias vias possíveis, que favorece o crescimento hiperbólico da evolução ao eleger um desses caminhos e excluir os outros. Nessa eleição, promove-se a tensa passagem da inserção da explosão que rompe a cadeia diacrônica e coloca, na diacronia, um outro elemento: "desde el punto de vista de la posición 'explosiva', la posición opuesta se a apresenta como la encarnación de todo un conjunto de cualidades negativas" (LOTMAN, 1999, p. 21).

Da perspectiva sincrônica, o recorte vertical na cultura, há o embate entre sistemas com maior e menor velocidade de transformação. Em geral, as explosões ocorrem nas esferas culturais mais flexíveis, ao codificarem novas informações. Por sua vez, estas irrompem em movimentos futuros de sistemas imersos em outras esferas da cultura, aquelas mais rígidas em relação às normas e ao funcionamento de seus códigos, porque "las explosiones em algunos estratos pueden unirse a um desarollo gradual en otros" (LOTMAN, 1999, p. 26). Com isso, estimula-se o crescimento parabólico da cultura, ao se permitir que ela atinja um novo patamar de estabilidade, cujo resultado altera a cultura como um todo, pois há um "brusco aumento de informatividade de todo sistema" (LOTMAN, 1999, p. 28).

No diálogo entre as ideias dos teóricos da ETM, em particular entre aquelas defendidas por Lotman sobre o modo de funcionamento sistêmico da cultura e a noção de modernidade construída por Bauman, é possível perceber que o modo de ser e de operar da modernidade é logicamente semelhante, o que denota que sua manifestação é sistêmica e a descontinuidade e continuidade que apresenta podem ser indiciadas em três movimentos distintos. Primeiramente, no movimento de dominância do estado de liquidez da cultura sob o seu estado de solidificação, que permitiu repensar a ordem do mundo, ameaçando, dessa maneira, o antigo regime. Na periferia da semiosfera, esferas como a cultura burguesa, a ciência e as artes colaboraram para construir a nova ordem do mundo, diferente da ordem delegada pela natureza ou pelo poder divino.

Num segundo movimento, houve a solidificação do programa moderno na sociedade, a qual passou a funcionar como um centro articulador de outras esferas culturais, contaminando, por exemplo, as linguagens dos meios de comunicação e a própria ciência pelos modelos de público receptor, influenciando a forma de comunicar ou os métodos de investigação e análise. No entanto, a denominada contracultura passou a funcionar como

periferia do centro hegemônico, havendo, portanto, sempre o confronto entre o contínuo e o descontínuo.

A partir de meados do século XX, no início da discussão sobre o pós-moderno, surge o terceiro movimento, em que é possível perceber o predomínio do momento explosivo da cultura, ao propor outros modos de ordenação cultural com base na vivência e metalinguagem da ordem moderna. Têm-se novamente a modernidade como consciência da ordem, porém uma consciência regida pelas ambivalências produzidas pela própria ordem moderna. Há, portanto, a simultaneidade entre o contínuo e o descontínuo; o primeiro resultante da operação reguladora do sistema que reordena a ordem ameaçada e o segundo, advindo das irregularidades semióticas que desarticulam o centro. Uma das consequências desse movimento de "duas mãos" é a pulverização do centro em vários outros centros, originados pela tentativa de continuidade, de controle e de planejamento do todo, que, paradoxalmente, fortalece o seu processo de dissolução, ao construir proporcionalmente novas periferias. Essa espacialidade complexa composta de vários centros e inúmeras periferias, presente no estado dominante de liquidez da cultura, de certa maneira, parece desconstruir até a relação paradigmática existente entre centro e periferia, pois a multiplicação do centro em vários centros, de alguma maneira, descentraliza esse sistema.

Por fim, retornando à metáfora proposta por Bauman, a solidez da modernidade por intermédio da ciência, da tecnologia, do mercado e da produção, construiu e constrói racionalmente "cubos de gelo", formas modelares, que, interligados, estruturaram e estruturam a cultura moderna. Porém, há outra racionalidade, mais fluida, que invade ou inunda o seu caminho, ameaçando a fixidez tanto da posição de cada "cubo" quanto a sua própria estrutura. Essa outra construtibilidade desarticula a ordem existente e, também, alimenta-se dela para produzir informações novas para dentro da semiosfera, que, depois, rumo à região nuclear, poderão ser solidificadas e até mesmo desmanchadas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I:** semiótica de la cultura y del texto. Tradução de Desiderio Navarro. Madri, Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera III:** Semiótica de las artes y de la cultura. Tradução de Desiderio Navarro. Madri: Cátedra, 2000.

LOTMAN, Iuri M. **Cultura y explosion**: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social. Tradução de Delfina Muschietti. Barcelona: Gedisa, 1999.

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica:** a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **"Porcarias", inteligência, cultura:** semioses da ecologia da comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados. 2005. 154p. Tese (Doutorado em comunicação e semiótica) – PEPG em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.